



A poesia de Alberto Caeiro do ponto de vista da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste

Pedro dos Santos *

Resumo: Este trabalho aborda a poesia de Alberto Caeiro sob o ponto de vista da Teoria da Enunciação de Benveniste, usando sua noção de enunciação, além dos conceitos de intersubjetividade, sentido e referência, para, através da análise de poemas, estabelecer relações entre a ideia de enunciação e a busca poética de Caeiro por uma nova poesia, baseada no “olhar nítido”, relacionando a reflexão linguística com os aspectos estéticos. A poesia de Caeiro é vista como uma enunciação, um ato de discurso singular e irrepetível, assim como os pequenos quadros e eventos que retrata em seus poemas. A intersubjetividade, o presente linguístico, sentido e referência constituem o caráter particular da enunciação desses poemas. Caeiro enuncia seus poemas, que acontecem no mundo, como a língua em uso, e quer que sejam lidos do mesmo modo. Língua, discurso e realidade encontram-se na enunciação de seus poemas.

Palavras-chave: discurso, enunciação, linguagem, olhar, poesia, referência, sentido.

Abstract: This work approaches Alberto Caeiro's poetry on the point of view of Benveniste's Theory of Enunciation, using his notion of enunciation, beyond intersubjectivity, meaning and reference concepts, through analysis of poems, to establish relations between idea of enunciation and Caeiro's poetic search for a new poetry, based on the “sharp look”, relating linguistic thinking with aesthetic aspects. Caeiro's poetry is seen as an enunciation, a singular unrepeatable speech act, as well the little pictures and events that he portrays in his poems. Intersubjectivity, linguistic present, meaning and reference constitute the particular character of enunciation of these poems. Caeiro enunciates his poems, which take place on the world, like language in use, and wants that they are read in the same way. Language, speech and reality meet in his poems' enunciation.

Keywords: enunciation, language, look, meaning, poetry, reference, speech.

*... E que as suas casas tenham
Ao pé duma janela aberta
Uma cadeira predilecta
Onde se sentem, lendo os meus versos.
E ao lerem os meus versos pensem
Que sou qualquer cousa natural –
Por exemplo, a árvore antiga
À sombra da qual quando crianças
Se sentavam com um baque, cansados de brincar... (Pessoa / Caeiro,
1998, p. 217)*

O propósito do presente trabalho é o de examinar a poesia de Alberto Caeiro, o heterônimo-mestre de Fernando Pessoa (FP), o mais ilustre representante da Geração de

* Mestre doutor em literatura portuguesa e lusófona (UFRGS)

Orpheu, sob o ponto de vista da Teoria da Enunciação, conforme essa é formulada por Émile Benveniste (E.B.), valendo-nos da noção de *enunciação* como ato de discurso singular e irrepetível, do conceito de *subjetividade* e de *intersubjetividade*, de *referência*, da noção de *instância de discurso* e de *tempo linguístico*, além da relação que esse autor estabelece entre *forma*, do campo da língua, e *sentido*, do campo do discurso.

Benveniste procura em sua obra teórica ultrapassar Saussure, na medida em que tenta uma abordagem que dê conta não só da língua enquanto *sistema de signos*, o que dispõe no campo do *semiótico*, mas também da língua em funcionamento ou *discurso*, o que dispõe no campo do *semântico*. A linguística saussuriana sabidamente desconsidera a língua no seu uso concreto, relegando-a à fala, domínio do fortuito, privilegiando o estudo do sistema em sua sincronia, com destaque para as ideias da *arbitrariedade do signo linguístico* e de *valor*. Na parte final de sua obra, E.B. discute com profundidade a relação entre *forma* e *sentido* na linguagem e elabora a teoria do *aparelho formal da enunciação*, um aperfeiçoamento da solução inicial que se baseava na dicotomia entre o *semiótico* e o *semântico*. O linguista francês, no estudo da pessoa verbal e dos pronomes pessoais, apresenta a ideia dos signos “vazios”, palavras como “eu” e “tu”, “aqui”, “agora”, “isto”, “isso”, que só ganham sentido quando são “preenchidas” no ato da enunciação e são marcas da intersubjetividade e do uso particular da língua, pois se orientam a partir de um centro: o “eu”, que revela a presença do sujeito no discurso, ponto de intersecção entre a língua e a realidade.

A obra de Alberto Caeiro ocupa uma posição central na obra de FP, ao desenvolver um agudo questionamento a respeito do fazer poético e sobre o olhar que o artista dirige à realidade. Sua poesia desdobra-se numa espécie de *Arte Poética* e também em guia de leitura de si mesma. Ao longo de seus versos brancos e livres, que se aproximam muito da prosa, Caeiro empreende um debate que pode ser entendido como se dando com os outros heterônimos, com Fernando Pessoa “ele mesmo”¹, com o leitor ou consigo próprio². O centro de sua discussão leva à negação de todo o sentido “a mais” que impomos às coisas da realidade, em razão do olhar racional carregado de idéias preconcebidas, da simbologia, da

¹ A denominação de Fernando Pessoa “ele mesmo” é aplicada ao *ortônimo*, isto é, a Fernando Pessoa em relação a seus heterônimos, entre os quais Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis são os principais e tidos pelo próprio FP, dentre suas inúmeras personalidades literárias, como os verdadeiros heterônimos. Todavia, a posição de precedência ou centralidade do *ortônimo* em relação aos heterônimos é contestada por vários autores, a exemplo de Jorge de Sena, para quem o *ortônimo* é também um heterônimo entre os outros. A figura de Fernando Pessoa “ele mesmo” não está identificada com o indivíduo real Fernando Pessoa, mas com uma figura constituída poeticamente, assim como os outros membros da “constelação” que tem Alberto Caeiro no centro.

² A expressão “consigo próprio” faz aqui referência ao próprio Caeiro, diferenciando-se de “mesmo”. Levamos em consideração a ideia geral que opõe Fernando Pessoa “ele mesmo” aos heterônimos.

tradição e pelo uso de adornos e figuras de linguagem, para vê-las como são, em toda a sua particularidade, como realidade que se apresenta única e irrepetível. Em lugar de ser uma visão limitada à aparência, o resultado desse esforço, ao contrário, é ver-se além, na medida em que a atenção que se volta ao mais simples e banal quadro da realidade, liberta de preconceitos, faz com que nos deparemos com o *novo* antes nunca visto, o real que está além das representações que fazemos dele. Caeiro mostra-se consciente de que todo processo de conhecimento da realidade é mediado por signos, entre os quais se destaca o signo linguístico. Sua poesia é então um esforço de ultrapassagem, debatendo-se com as limitações do olhar humano, buscando o imediato, como quem restaura uma fabulosa obra-prima, removendo camadas e mais camadas de sujeira e tinta, a fim de revelar a sua beleza original:

Sou o Descobridor da Natureza.
Sou o Argonauta das sensações verdadeiras.
Trago ao Universo um novo Universo
Porque trago ao Universo ele-próprio. (Pessoa / AC, 1998, p. 233)

Num primeiro momento, este trabalho consistirá da análise de um breve poema de Alberto Caeiro, procurando encontrar nele as marcas de singularidade, nos moldes da Teoria da Enunciação de E.B. Em seguida, tentaremos dizer que relação pode ser estabelecida entre a noção de enunciação de E.B. com a busca de Caeiro por uma poesia capaz de ver mais e com mais clareza, o que lhe permite descobrir aquilo que ele chama um “novo Universo”, como motivo de uma nova poesia. Nesse passo, a pergunta a responder será em que medida sua poesia pode ser vista como uma enunciação e como, sendo enunciação, explícita a busca poética, semiótica e semântica (no sentido que o termo tem em E.B.) de Alberto Caeiro. Finalmente, num terceiro momento, o objetivo será relacionar a reflexão linguística com a natureza artística do objeto analisado, buscando determinar, a partir de um fato linguístico, também um fato estético. Em que medida essa análise pode contribuir para a compreensão da obra de Caeiro? Pensamos ser possível relacionar a noção de enunciação em E.B. com o postulado de uma poesia de “qualquer coisa natural” de Alberto Caeiro, ou quando nos diz como quer ser lido: num momento determinado e concreto: um “aqui-agora” único e irrepetível.

Os versos de Caeiro, em grande parte, parecem veicular a defesa de uma posição, colocando-se o poeta, aqui relacionado à figura do *locutor*, dentro de um debate poético. O *interlocutor* aparece às vezes como um “tu”, marcado pelo pronome pessoal respectivo, às vezes parece ser o próprio “eu” que se divide em dois, locutor e interlocutor. Outras vezes, é a

uma terceira pessoa, no singular ou no plural, que ele se dirige. Veremos, no decorrer do trabalho, exemplos de cada um desses casos.

(1)

X

«Olá, guardador de rebanhos,
Aí à beira da estrada,
Que te diz o vento que passa?»

«Que é vento, e que passa,
E que já passou antes,
E que passará depois.
E a ti o que te diz?»

«Muita coisa mais do que isso.
Fala-me de muitas outras coisas.
De memórias e de saudades
E de coisas que nunca foram.»

«Nunca ouviste passar o vento.
O vento só fala do vento.
O que lhe ouviste foi mentira,
E a mentira está em ti.» (Pessoa / AC, 1998, p. 221-222)

O poema transcrito em (1) está composto na forma de um diálogo entre um “eu”, que é o poeta (Alberto Caeiro) e um interlocutor casual, um passante, a quem ele trata por “tu” e que, por sua vez, trata também por “tu” o próprio poeta, que é designado como “guardador de rebanhos”. Benveniste afirma que o “eu” e o “tu” são as únicas verdadeiras formas de pessoa da língua, definindo o “ele” como “não-pessoa” (Benveniste, PLG I, cap. 18, p. 255). Ele postula ainda que a introdução da pessoa no discurso instaura a experiência humana através da língua. Aquele que fala se “apropria” da forma vazia de “eu”, preenchendo-a no ato de enunciação, evocando um “tu” e um “ele” (Benveniste, PLG II, cap. 4, p. 69). Outro aspecto da relação entre “eu” e “tu” é a reversibilidade. O “eu” que fala enxerga um “tu” em seu interlocutor, que, por seu turno, enxerga naquele um “tu”, preenchendo em seu discurso o lugar de “eu”. Cada um dos participantes do diálogo é um “eu” e um “tu” alternadamente, dependendo do ponto de vista em que se situa. Ainda segundo as idéias de E.B., cada um desses “eu” estabelece em seu discurso um ponto central que organiza o tempo e o espaço, instaurando a intersubjetividade, na medida em que o “eu” projeta os seus interlocutores. É esse conjunto de características que forma a situação concreta em que a língua se realiza em discurso, em ocorrência particular de um sistema de signos que, fora disso, é só potencialidade. Um guardador de rebanhos, um passante, uma estrada, o vento que passa e

que é o tema da conversa, a linguagem neles, a língua como potencialidade, são os elementos que constituem essa situação particular, onde e quando a língua se realiza em discurso.

Numa situação “natural” de diálogo, as presenças do locutor e do interlocutor são indispensáveis. Nessas condições, se locutor e interlocutor existem, decorre que existem no espaço e no tempo. A ocorrência do texto escrito, fictício ou não, relativiza essas afirmações, mas não as invalida, pois, de acordo com Benveniste, a intersubjetividade instaura-se na língua, ou melhor, no discurso que é realização particular da língua. Em vista disso, para que seja aceita como uma situação “natural” de discurso, é suficiente e necessário que essa situação seja construída linguisticamente, por um locutor, no impulso de expressar uma certa relação com o mundo. A poesia de Alberto Caeiro, além disso, tem como uma de suas características marcantes apresentar-se como uma situação natural de diálogo, explícito ou não, que se dá num “aqui” determinado: o sujeito lírico “está no mundo”, junto à Natureza, que compõe o quadro concreto em que enuncia seus versos. Um outro elemento que compõe a situação de discurso, o tempo, assim como o lugar, é também particular e único. Um momento singular, que, uma vez vivido, nunca mais se repetirá para nenhum outro ser vivo. O que a poesia de Caeiro busca é justamente uma forma poética que seja capaz de apreender o momento único e fugaz que escapa ao olhar, a fim de eternizá-lo em linguagem poética. Caeiro despreza o tempo; o tempo não faz parte de seu universo. De fato, essa posição aparece em alguns versos dos *Poemas Inconjuntos*, em relação ao próprio tempo presente, que ele define por algo que só existe como “uma cousa relativa ao passado e ao futuro” (Pessoa / Caeiro, 1980, p. 127). Contudo, para ser mais preciso, o que Caeiro desacredita nesses versos não é o presente localizado na experiência (todo o restante de sua poesia faz supor o contrário), mas a consciência desse presente; a experiência plena do real exige não pensar sobre ela (o que o poeta almeja sem nunca conseguir). Ele despreza o tempo que “mede as cousas”, tempo cronológico, crônico, marcado pelo relógio e pelo calendário, ou por fatos e acontecimentos da história. Nos termos de Benveniste, o tempo da experiência de estar no mundo, o presente que se instaura na enunciação, demarca, do ponto onde se está, um centro “gerador e axial”, do qual se projetam um *antes* e um *depois*. Essa experiência de vivência linguística do presente que se opera na enunciação constitui o mais perto que a experiência humana pode chegar do indefinível, que é o fluxo contínuo do tempo físico: o próprio pulsar do Universo. O tempo da enunciação é sempre um presente, que se desloca junto com o fio do sintagma, sendo a única expressão temporal na linguagem e é implícito. Este presente não pode ser localizado no tempo crônico; “é reinventado a cada vez que um homem fala porque

é, literalmente, um momento novo, ainda não vivido” (Benveniste, PLG II, 1991, p. 75). Para o autor, o passado e o futuro são pontos para trás ou para frente, a partir da referência do presente, e que se opõem a este; não se relacionam ao tempo, são visões sobre ele. Essa ideia de presente, que nada tem a ver com o tempo do relógio e do calendário, presente ligado a uma certa relação do sujeito com a realidade e instaurado linguisticamente na enunciação, é o que entendemos se relacionar com a poesia de Alberto Caeiro.

De outro modo, porém, podemos dizer que o presente da enunciação não é somente o instante único, o “átimo” da roda que toca o chão num ponto e logo em seguida já não toca mais, mas tem uma certa *extensão*, dada pela situação de discurso, pela própria enunciação e, principalmente, pelo sentido. Assim, no exemplo dos versos acima (1), há um tema que perpassa todo o poema: se há ou não um sentido oculto no vento, se ele diz ou não alguma coisa ao poeta, como base do debate filosófico-poético que ele empreende com seu interlocutor. Segundo E.B., “o sentido de uma palavra é seu emprego” na frase, enquanto o sentido da frase “é sua ideia” de conjunto, que é “diferente do sentido das palavras que a compõem” (Benveniste, PLG II, 1991, p. 231). O autor refere ainda que o sentido da frase traduz “um certo presente de um certo locutor” (Idem, p. 230), quando apresenta a noção de *referência* da frase. Ele afirma que o que constitui a *referência* da frase é a situação particular de discurso a que a frase corresponde no caso concreto, sendo a noção de referência essencial para a compreensão da frase. A frase “não existe senão no instante em que é proferida e se apaga neste instante; é um acontecimento que desaparece” (idem, p. 231). Contudo, se, numa certa situação de discurso, o sentido de uma frase só pode ser apreendido em bloco, ao menos para o interlocutor, é forçoso que ouça todo o fio do discurso antes que possa compreendê-la. Podemos admitir que a apreensão do sentido de um enunciado se dá parcialmente *durante* e integralmente *após* sua enunciação. Disso se conclui o seguinte: o “instante” mencionado por E.B. não é necessariamente um átimo; ele pode se estender na medida em que se dá a apreensão do sentido da frase. Mais além, se o presente de que fala Benveniste é constituído linguisticamente e a enunciação é por ele definida como o encontro entre a forma e o sentido – a realização do semiótico num “semântico” particular – podemos concluir que esse presente se trata de um tempo semântico, no sentido que o termo assume em E.B. Nesse sentido, a duração do presente instaurado pelo discurso é relativa ao sentido e transcorre, de ordinário, como um contínuo.

Nos versos transcritos em (1), o tema do debate poético perdura em todo o poema, mantendo suspenso no discurso o sentido, que de certo modo arrasta consigo o presente do

início ao fim do poema. Podemos contrapor a isso que o que ocorre é que o sentido da primeira estrofe é apenas retomado na segunda estrofe e nas seguintes, modificado, e que se tratam de enunciações sucessivas. De qualquer modo, isso apenas atenua a conclusão acima; a ideia de um presente contínuo se mantém, embora limitada à intervenção de cada interlocutor interno ao diálogo. Contudo, a noção de um sentido global que emana do poema como um todo me parece mais coerente com o caso presente, estruturado como um diálogo de perguntas e respostas. As estrofes não valem separadas o que valem juntas. Ao falar da enunciação escrita, E.B. afirma que ela pode ser encarada de duas maneiras: “o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem” (Benveniste, PLG II, 1991, p. 90). O primeiro caso parece se aplicar melhor ao exemplo tirado de Caeiro (1). O presente instaurado pela enunciação constitui uma experiência linguística particular e irrepitível de relação do sujeito com o mundo, no caso o poeta Caeiro, que aparece desdobrado em duas vozes; mas esse presente tem extensão variável, em função do sentido que, em última análise, é o modo como se realiza essa relação.

Podemos entrar agora no segundo momento da presente reflexão. A poesia de Alberto Caeiro pode ser analisada como *enunciação*? E, em caso positivo, como a noção de enunciação de Benveniste, aliada aos outros conceitos que lhe são adjacentes, pode ajudar a compreender melhor a busca poética de Caeiro por uma poesia capaz de ver mais e com mais clareza? Antes, porém, de respondermos a essas questões, reexaminemos uma das preocupações fundamentais de Caeiro: os limites que encontra o homem, sujeito de linguagem, na sua relação com a realidade. Não há meio de captar inteiramente o real, que escapa ao olhar oblíquo, mediado do homem. A lição de Caeiro, nesse passo, soa como um paradoxo. Ele de certo modo nos diz que não devemos nos deixar enganar pela profundidade das coisas, mas que devemos ver nas coisas o que elas são, isto é, o que aparentam ser aos nossos *sentidos*. Ver a aparência, contudo, não significa ver superficialmente; ao contrário, a intenção é evitar a ideia preconcebida que impede a melhor apreensão do objeto. Toda tentativa de atribuir ao *vento*, por exemplo, sentidos simbólicos, metafóricos, místicos, de idealizá-lo ou racionalizá-lo, afastam-nos desse límpido propósito. Só a atitude de abertura diante do objeto, confiando nos sentidos, permite vê-lo como ele é, e assim ver mais e melhor.

De acordo com Caeiro, o objeto deve ser visto na sua particularidade, como evento único e irrepitível. Nesse sentido, requer um instrumento que funcione nos mesmos moldes. Esse instrumento é a poesia, mas não qualquer poesia; é preciso que ela se desenvolva como uma atividade natural de linguagem: como num ato de *enunciação*. Assim como não se trata

aqui de qualquer poesia, também não se trata de qualquer enunciação, mas de um certo tipo de enunciação, límpida, livre de tudo o que é acessório e exterior ao objeto. Renegam-se a simbologia, a tradição, as idéias preconcebidas; a própria língua é despida de atavios: as metáforas e rimas desaparecem; a métrica é desprezada. Resta a musicalidade prosaica de uma conversa ao entardecer, feita de sons desiguais, como o bater de corações que se avizinham por acaso.

Nos termos de E.B., *enunciação* é o ato de dizer o discurso, “é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, PLG II, 1991, p. 82) de um locutor que se *apropria* da língua, determinando linguisticamente uma instância de discurso, no “aqui-agora”, e implantando diante de si o *outro*, com a finalidade de expressar uma certa relação com a realidade. É parte integrante da enunciação a referência à situação particular, que é constituída pelo discurso (Idem, p. 84). A poesia que flui como enunciação é o mais perto que se pode chegar daquele evento único e irrepetível, do vento que passa:

(2)

XIII

Leve, leve, muito leve

Um vento muito leve passa,

E vai-se, sempre muito leve.

E eu não sei o que penso

Nem preciso sabê-lo. (Pessoa / AC, 1998, p. 222)

O “eu” desse poema responde a uma objeção que não lhe é feita, mas que está em seu discurso, como uma voz interior, ou um “tu” que lhe fala à consciência questionando-o sobre o sentido do evento, cobrando-lhe uma interpretação que ele se recusa a fazer. O sujeito Alberto Caeiro, linguisticamente constituído, dialoga com um interlocutor implícito, que o interpela. Ele responde a seu modo, pois é preciso deixar claro para quem o ouve ou lê o modo como sua poesia deve ser apreendida: como realização particular e perfeitamente natural da língua, a instituir uma certa relação com o mundo, tendo como referência a situação concreta em que se dá o evento, situação não apenas marcada, mas também constituída no discurso. Ou seja, como enunciação.

A poesia que se dá como enunciação é capaz de perpetuar um evento único e irrepetível, sem, porém, descrevê-lo em detalhes. Propositamente, Caeiro é econômico no uso de adjetivos e predicados, restringindo-se aos essenciais. O vento referido é “leve” e “passa”, mas somente essas características não são suficientes para particularizá-lo. O que torna então essa cena particular? Segundo Benveniste, a noção de referência é essencial para a apreensão do sentido que um enunciado detém numa circunstância particular. Não se trata aqui de saber

sobre a ocorrência empírica desse evento, o que é impossível verificar, mas da configuração linguística dessa circunstância. Mais uma vez é o sentido, dado pelo todo do enunciado, que ilumina a questão. O “sentido”, no caso presente, designa algo amplo, extrapolando o campo do racional, uma “ideia” da sensação de uma experiência única do sujeito, num “aqui-agora” que, a não ser descrito em detalhes, precisa ser “vivido” na enunciação do discurso e por quem lê o poema. Esse sentido é dado pela constituição de um momento, na enunciação, um presente breve e contínuo, que recria um momento particular, a passagem do vento, e uma certa relação com o mundo. De modo que, ao ler o poema, o leitor revive não aquele momento específico, mas a ideia dele, a sua sensação.

Chegamos ao terceiro ponto desta reflexão, quando tentaremos responder à questão colocada no início, sobre qual a contribuição desta análise para a compreensão da obra de Caeiro. Dizíamos ser possível relacionar a noção de enunciação em Benveniste com a poesia “natural” de Alberto Caeiro, nos aspectos da escrita e da leitura que ele espera ter de seus poemas. É visível o esforço de Alberto Caeiro de retirar-se de sua poesia, tornando-a o mais objetiva possível. Todavia, neste (2) e em quase todos os seus poemas o sujeito aparece, muitas vezes marcado pelo pronome “eu”, em virtude da necessidade que ele tem de dizer como deve ser lido. Caeiro, como poeta e guardador de um rebanho de pensamentos, apresenta-se também como um guia. Nesse sentido, os dois versos finais são parte integrante do poema, e não um apêndice dispensável, pois o debate poético é também tema de sua poesia. A presença do “eu”, por outro lado, ancora a experiência linguística na realidade, pois sem o homem não há linguagem, nem discurso e, em última análise, ao menos como experiência humana, não há realidade. A afirmação reiterada em sua poesia da necessidade de ablação do pensamento com o propósito de uma plena integração com o real marca o conflito interior do sujeito, que, por mais que se esforce, não pode se livrar de sua natureza simbólica, ao mesmo tempo em que percebe que o alcance pleno desse objetivo frustraria o propósito final, pois o nivelaria aos seres brutos, como o pastor de um de seus poemas, que não tem a felicidade e a paz que parece ter, porque não sabe que a tem (Pessoa / Caeiro, 1998, p. 242).

Como resultado de seu esforço, Caeiro coloca-se no limite entre a objetividade e a subjetividade, entre o imediato e o mediato, entre o que é do homem e o que é do mundo. Por momentos, como o “animal humano” com que se define, ao lamentar a sua condição de ‘animal doente e indireto’, referindo-se a sua natureza simbólica, ele se vale da língua, mas ri-se da pretensa capacidade desta de funcionar como espelho da realidade. Ao mesmo tempo, ele se debate contra a dependência que o homem tem da linguagem para relacionar-se com o

mundo, porque, enquanto lhe dá acesso ao mundo, também lhe ergue um empecilho diante do olhar ávido de mais realidade. Confiando nos sentidos, mas ainda agarrando-se à linguagem, Caeiro inclina-se à beira do abismo, enquanto enuncia o poema da Natureza, reeditando o diuturno esforço do “animal humano” ancestral, a saber, o de ser o elo vivo entre esses dois mundos tão diversos, o dos signos e o da realidade.

A ideia de enunciação ajuda a compreender essa poesia que é escrita por quem se anuncia como “qualquer coisa natural”, um ser integrado à Natureza e que faz parte dela. Nessa linha, nos versos que se seguem, esse ato de escrever versos é deslocado de seu espaço usual – uma cadeira, uma mesa e uma folha de papel, para o mundo natural onde o poeta vive e anda:

(3)

Quando me sento a escrever versos
Ou, passeando pelos caminhos e atalhos,
Escrevo versos num papel que está no meu pensamento,
(...) (Pessoa / AC, 1998, p. 216)

Desse modo, não só os quadros e eventos da realidade retratados poeticamente, mas também a própria enunciação da poesia, considerada como escrita, acontecem num mesmo “aqui-agora”, como vivência, ao ser posto em funcionamento um mecanismo em que realidade e sua expressão poética coincidem na enunciação, num tempo e num espaço constituídos pelo discurso, e unidas pelo sentido.

O ato de enunciar a poesia se dá como uma “coisa natural” e é essa condição que aproxima o poeta e a Natureza, fazendo de seus pensamentos o seu rebanho. Nos versos seguintes (4), o sujeito revela o desejo de se despersonalizar, de espalhar-se, num processo de integração à Natureza que implica a extinção do indivíduo.

(4)

E se desejo às vezes,
Por imaginar, ser cordeirinho
(Ou ser o rebanho todo
Para andar espalhado por toda a encosta A
ser muita coisa feliz ao mesmo tempo),
É só por que sinto o que escrevo ao pôr do sol, (Pessoa / AC, 1998, p. 216)

A mesma atitude natural é esperada do leitor de sua poesia; uma janela aberta, uma cadeira predileta, a árvore antiga. Segundo o mestre pessoano, para ver a realidade como ela é, é preciso também voltar a ser criança, esquecer de tudo o que se aprendeu antes, “raspar a

tinta” com que lhe foram pintados os sentidos, para “desencaixotar” as emoções verdadeiras e tornar-se o “animal humano que a Natureza produziu” (Pessoa / AC, 1998, p. 233).

No poema seguinte (5) o poeta refere-se a Deus, em terceira pessoa, enquanto empreende um debate com um *outro* implícito, com quem argumenta sobre a existência ou não de Deus. A relação que Caeiro estabelece com a divindade assemelha-se ao *panteísmo cósmico*, na medida em que seu ponto de partida é a realidade material. Entretanto, Caeiro não entende que Deus *está* na Natureza, isto é, não há algo divino *dentro* das coisas, pois, para ele, dentro das coisas não há nada. O que ele admite é que a Natureza pode *ser* Deus, mas de um modo a estar sempre em mudança e movimento, como a própria Natureza. Nos versos que se seguem, essa sensação é dada principalmente pela ordem das coisas da Natureza, que muda a cada vez que é enunciada.

(5)

Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,
Então acredito nele a toda hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.

Mas se Deus é as árvores e as flores
E os montes e o luar e o sol,
Para que lhe chamo eu Deus?
Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar;
Porque, se ele se fez, para eu o ver,
Sol e luar e flores e árvores e montes,
Se ele me aparece como sendo árvores e montes
E luar e sol e flores,
É que ele quer que eu o conheça
Como árvores e montes e flores e luar e sol.

E por isso eu obedeço-lhe,
(Que mais sei eu de Deus que Deus de si-próprio?),
Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,
Como quem abre os olhos e vê,
E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e montes,
E amo-o sem pensar nele,
E penso-o vendo e ouvindo,
E ando com ele a toda a hora. (Pessoa / AC, 1998, p. 219-220)

Nos primeiros dois versos do trecho transcrito em (5), as palavras “árvores”, “flores”, “montes”, “luar”, “sol” são enunciadas em uma determinada ordem, que só se reproduz uma única vez em todo o restante do poema (no décimo verso do trecho transcrito), mas já sem o artigo que acompanha cada palavra nos versos 7 e 8. A indeterminação causada pela ausência

de artigo acompanha a indeterminação que sofre a ideia de Deus na mente do poeta, quando percebe que não precisa chamá-lo “Deus”, mas somente de “árvores”, “flores”, etc. A partir daí, a ordem das palavras continua mudando a cada vez em que essas são enunciadas, assim como a Natureza que elas expressam é também mudança e movimento. A noção de enunciação, como evento singular e irrepetível, parece fornecer uma nova luz à interpretação do poema. Segundo Benveniste, uma enunciação nunca é igual à outra, mesmo que os enunciados sejam idênticos ou contenham as mesmas palavras. Isso acontece porque muda a situação e, por conseguinte, mudam também a referência e o sentido do discurso. O recurso da mudança da ordem das palavras, usado por Caeiro no poema, só salienta essa propriedade da enunciação. Ao ler o poema, tendo em mente a mudança de referência e de sentido que vai se operando no par Natureza-Deus enquanto avança a leitura, verificamos que o sentido global se enriquece: se Deus é a Natureza, acredito nele; mas se Deus é a Natureza, então o chamo apenas de Natureza, apenas vejo-o; a Natureza é indeterminada, então Deus é indeterminado; a Natureza muda e se movimenta, então Deus muda e se movimenta. Discurso e realidade coincidem na enunciação, e nela se encontram. O sentido da enunciação é a sensação daquele presente singular e irrepetível, neste exemplo dado como uma ideia do conjunto: as coisas da Natureza são sempre diferentes umas das outras, e o sentido dos versos do poema também.

Ao longo dessa reflexão, passamos por sucessivas etapas, conforme descritas no início do texto. Num primeiro momento, ao analisar o poema (1), verificamos que a singularidade da poesia de Caeiro está ligada à subjetividade, isto é, à presença do sujeito no discurso, em que as marcas de “eu” e “tu” fundam a intersubjetividade. O poema transcorre como uma situação natural de diálogo, estando presentes as circunstâncias de tempo e lugar em que se trava um debate entre o “eu” e o outro. O tempo da enunciação é o presente configurado linguisticamente e é descrito como um contínuo de sentido. Locutor e interlocutor encontram-se em plena situação de discurso, integrados nela. Há dois níveis de enunciação: um é o que revela as vozes internas ao poema e o outro o da voz de quem escreve. Já a partir da análise do poema em (2), à luz da noção de enunciação, a poesia de Caeiro é vista como uma atividade natural de linguagem, uma enunciação, mas um certo tipo de enunciação, límpida, livre de tudo que é exterior a ela mesma. A ideia de “apropriação” da língua pelo sujeito, de Benveniste, explica o caráter particular e único que assume o poema, fundando-se na subjetividade e no estabelecimento de uma situação concreta de discurso, que é referência da enunciação. A enunciação dessa poesia recria um evento particular, através do sentido, ao provocar a sensação desse evento, e não o descrevendo em detalhes. O *outro* aqui está oculto

e é colocado de fora da enunciação, como uma presença muda e perturbadora, a quem, não obstante, o sujeito parece responder. Na análise dos poemas em (3) e em (4) vemos a poesia de Alberto Caeiro sendo enunciada enquanto transcorre uma situação concreta. Enunciação e evento coincidem; sua poesia é ancorada no presente da enunciação. A presença da subjetividade, como elo entre signo e realidade, demonstra que a língua, em lugar de ser espelho da realidade, recria uma certa experiência subjetiva dessa realidade. A enunciação aparente na poesia de Caeiro é de um tipo especial, como é essa mesma poesia: o *outro*, exterior ao mundo natural, é mantido de fora da cena o mais possível. Sua presença, implícita ou não, é elemento de perturbação da solidão do “eu”, que tenta eliminá-lo sem, porém, consegui-lo plenamente. A eliminação total do *outro* levaria à impossibilidade da enunciação e, conseqüentemente, ao esvaziamento do próprio “eu”. Na análise do poema em (5) chegamos à aplicação da reflexão anterior: assim como uma enunciação nunca é igual à outra, também a Natureza apresenta-se sempre diferente. A Natureza é mudança e movimento, como a enunciação, e seus eventos são efêmeros. Por essa razão, o “olhar nítido”, assim como a experiência do real que é revelada na enunciação, se dá por um *lampejo*, por um breve momento de clareza, de aproximação com o real.

Referências

BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral I. Tradução: Maria da Glória Novak & Maria Luiza Neri. Campinas: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.

BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral II. Tradução: Eduardo Guimarães... [et al.]. Campinas: Pontes, 1991.

PESSOA, Fernando. Ficções do Interlúdio 1: poemas completos de Alberto Caeiro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.

PESSOA, Fernando. Ficções do interlúdio: 1914-1935. MARTINS, Fernando Cabral (org). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.